Diadorim – a reinvenção de Dom Quixote de La Mancha
(Inversões ficcionais do mito da Távola Redonda em Grande sertão: veredas)

Diadorim – the reinvention of Don Quixote de la Mancha

Diadorim – la reinvención de Don Quixote de la Mancha

Este projeto de pesquisa intitulado “Diadorim – a inversão do Outro” irá desdobrar-se em proposições hermenêuticas, que surgirão das perspectivas de análise crítica de Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa. Por este viés, abordar-se-á a prefiguração de Reinaldo/Diadorim, jagunço do bando de Joca Ramiro – assassinado à traição pelo seu lugar-tenente, o pactário Hermógenes –, em diálogo com uma revisão estética proposta pelo viés da Modernidade, com a publicação da obra de ficção que, decerto, desaguará nas páginas do romance-epopeia situado nos Gerais roseanos.

This research project titled “Diadorim - the reversal of the Other” will unfold in hermeneutic propositions that will arise from the perspectives of critical analysis of GSV by João Guimarães Rosa. For this bias, will address up-to prefiguring Reinaldo / Diadorim, the bandit gang of Joca Ramiro - treacherously assassinated by his lieutenant, the pactário Hermógenes - in an aesthetic dialogue with the proposed revision of Modernity bias, with publication of a work of fiction that certainly desaguará pages of the novel-epic set in General roseanos.

Este proyecto de investigación titulado “Diadorim - la reversión del Otro” se desarrollará en las proposiciones hermenéuticas que surgirán de las perspectivas de análisis crítico de GSV de João Guimarães Rosa. Por este sesgo, se dirigirá hasta a prefigurando Reinaldo / Diadorim, el grupo de bandidos de Joca Ramiro - alevosamente asesinado por su lugarteniente, el pactário Hermógenes - en un diálogo estético con la propuesta de revisión de sesgo Modernidad, con publicación de una obra de ficción que sin duda desaguará páginas de la novela épica serie en roseanos generales.

Palavras-chave: Sertão, pacto demoníaco, homossexualidade, prostituição.

Autores:

Wander Lourenço

Pós-doutorando em Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2006). Graduação em Letras (1994) e Cinema (2007 - Incompleta) e História (2014 -). Professor substituto da Universidade Federal Fluminense (2006-2008), Cronista do Jornal do Brasil (www.jb.com.br). Professor Titular de Literatura Comparada da Graduação e Pós-Graduação de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá. Autor dos livros *O Dramaturgo Virgem* (2005); *Com licença, senhoritas* (2006); *Iniciação à Análise Textual* (2006); *Literatura e Poder - Org. Lucia Helena e Anélia Pietrani* (2006); *O Enigma Diadorim* (2007); e *Solar das Almas e outras peças* (2008), *Eu, psicógrafo Teatro* (2011) e *Antologia Teatral* (2013).

E-mail: wanderlourenco@uol.com.br

Não queria compor outro Quixote – o que é fácil –, mas o Quixote. Inútil acrescentar que nunca enfrentou uma transição mecânica do original; não se propunha a copiá-lo. Sua admirável ambição era produzir algumas páginas que coincidisse – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes.¹

Este artigo intitulado “Diadorim – a reinvenção de Dom Quixote de La Mancha (Inversões ficcionais do mito da Távola Redonda em Grande sertão: veredas)” irá desdobrar-se em duas proposições hermenêuticas: Parte I: Reinaldo – o Galaaz pós-medieval de La Mancha; Parte II: Diadorim – Donzela-guerreira ou Cavaleiro-jagunço? As denominadas partes I e II surgirão das perspectivas de análise crítica entre as narrativas dos séculos XVII e XX, respectivamente, *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, e *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. Por este viés, abordar-se-á a prefiguração de Reinaldo/Diadorim, jagunço do bando de Joca Ramiro – espécie de chefe político assassinado à traição pelo seu lugar-tenente, o pactário Hermógenes –, em diálogo com a travessia pós-trovadoresca do esquálido fidalgo cinquentenário e andarrilho. Destarte, este estudo se desenvolverá, no âmbito da autocriação artística das concepções literárias proporcionadas por Cervantes e Rosa, restabelecendo uma revisão estética pelo viés da Modernidade com a publicação da obra-símbolo do romanceiro espanhol, no tocante ao percurso da prosa de ficção ocidental que, decerto, desaguará nas páginas do romance-epopeia situado nos Gerais roseanos – *Grande sertão: veredas*.

Em *Grande sertão*, quanto à fabulação em meio ao projeto de vingança pelo assassinio do líder atraído, Joca Ramiro, a narração desvenda-se sorrateiramente pelas reminiscências de Riobaldo/Tatarana/Urutu Branco, impulsionada pela emblemática (in)existência do Diabo e pelo mistério da sexualidade de Reinaldo/Diadorim. Esta enigmática figura hermafrodita vem a ser detentora segredos e revelações implícitas: a filiação por parte

¹ BORGES, Jorge Luis. Ficções. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2005, p.57.

do pai-ídolo; e o segredo de sexualidade encoberto pela alcunha (Diadorim) subsequente à identificação nominal do jagunço Reinaldo, que desaguaria na constatação do corpo virgem e nu sobre a mesa, após o embate com o *judas* pactário Hermógenes: “Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível (...) Uivei. Diadorim era uma mulher. Diadorim era uma mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu soluzei meu desespero.” (ROSA, 1994, p.380)

Em *Mimesis*, no capítulo denominado “A Dulcinéia encantada”, Erich Auerbach enfatizaria que, em *Dom Quixote*, o sentimento de idealização amorosa nutrido por sua musa inspiradora é verdadeiro e profundo, de vez que a aldeã de Toboso, Aldanza Lourenço, é realmente senhora de sua fértil imaginação; e o esquálido fidalgo estaria mesmo imbuído de uma missão considerada como o mais alto dever de um cavaleiro andante portador de fidelidade, idealismo e sacrifício humano:

(...) Havia, ao que se crê, numa povoação próxima da sua, uma jovem lavadora de muito bom parecer, de quem ele, tempos atrás, estivera enamorado, embora, segundo se acredite, ela jamais o tenha sabido ou disso se dado conta. Chamava-se Aldanza Lourenço, e foi esta que lhe pareceu merecer o título de senhora dos seus pensamentos. (CERVANTES, 2005, p. 50)

Na obra roseana, Reinaldo/Diadorim se equiparara ao Cavaleiro pós-medieval de La Mancha, quando inversamente perfaz a aventureira travessia com os mesmos instrumentos bélicos de tal modo adaptados ao jaguncismo que, conquanto não a subjuguem ao sarcasmo deflagrado pela leitura exacerbada das novelas de cavalaria ou dos registros ficcionais românticos qual Ema Bovary, assaz contribuem para a composição por sobre a qual se dá a movimentação deste ser-sígnio, híbrido de Dom Quixote e Dulcinéia del Toboso ou Dos Porcos – tal a indicação local do nascimento de Maria Deodorina da Fé Bettencourt Marins, na ambiência das proposições de caráter homo-afetivo.²

Ao passo que, em *Dom Quixote*, o subterfúgio se alicercaria no âmbito da escritura desestabilizadora dos manuscritos árabes; e, consequentemente, da onisciência discursiva trovadoresco-medieval, que abarca o arcaizante palavrear do jagunço-orador Riobaldo-Tatarana, vem à tona por múltiplas reminiscências de paixões e combates, que esbarrariam involuntariamente no tácito pacto das Veredas Mortas e no segredo de sexualidade de Reinaldo/Diadorim. Este entrave demoníaco da comercialização de sua alma impeliaria a narração a um assombroso questionamento, a respeito da existência desse fazendeiro-herói com reumatismos que, ainda quando não se anunciasses, impulsiona, transformando-o, à condição de imprevisível desafiador de toda uma dogmática do jaguncismo, sob a égide do mítico demônio das Veredas Mortas. Ao morrer em duelo, homem a homem, a punhal, juntamente com o *judas* Hermógenes, o intrépido Reinaldo desmistificaria a árdua imagem de feroz guerreiro recriada por sobre Maria Diadorim, conforme palimpsestos de si, para elevar-se à condição mítica de um corpo de mulher ensanguentado, sob impacto de uma surpreendente revelação trágica. De outra feita, consumada a vingança pela morte de Joca Ramiro, a expensas de sua própria vida, Reinaldo/Diadorim, no mesmo instante em que

impulsionaria o amor de Riobaldo por Otacília, o perseguiria como uma atormentada recordação calcada no âmbito de uma suposta homossexualidade³.

O Cavaleiro-jagunço, qual Dulcinéia encoberta pela tesoura de prata e um colete de couro, propõe-se a um possível desvendar do segredo de sua andrógina sexualidade, desde quando faz menção à ‘apelidação’ – Diadorim –, ressaltando que deste jeito Riobaldo o/a chamaria quando se lhe encontrassem a sós; ou então na ocasião narrativa em que instaura a proibição ao companheiro de jagunçagem, em relação ao convívio feminino. Tal desvendamento de identidade vem à tona ainda quando Reinaldo lhe faz a promessa de que, ao cumprir a vingança do assassínio paterno, revelaria algo possivelmente referente à sua dúvida e reticente existência: “(...) Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto... Daí, quando tudo tiver repago e refeito, um segredo, uma coisa, vou contar a você...” (ROSA, 1994, p.324) Entretanto, o episódio da prometida revelação de amor de Reinaldo/Diadorim vem a ser impossibilitada pelo próprio ódio, que a/o impele, juntamente com os ‘urutus-brancos’, ao desafio aos *cujos judas dos hermógenes*, que, ‘a frio’, a ferro e faca, ‘desembainhavam’ instrumentos de uma guerra por se findar a golpe de dor e tragédia para Riobaldo, no Paredão⁴.

A grande diferença da enigmática figura Reinaldo/Diadorim, de Guimarães Rosa, e do fantasmagórico fidalgo Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes, para as outras antológicas concepções heróicas da literatura universal, entre as quais o Fausto, de Goethe; o Hamlet, de Shakespeare; e o Raskólnikov, de Dostoiévski, vem a ser que tanto o andrógino jagunço quanto o Cavaleiro da Triste Figura, assim alcunhado por seu fiel escudeiro Sancho Pança, se libertaram dos grilhões estéticos proposição artístico-literária ao desacorrentaram-se da onisciente pena do prosador espanhol do século XVII, Miguel de Cervantes; e também do mítico-regionalista dos Gerais mineiros do século XX, João Rosa, consoante ao autor se referia Manuelzão⁵, para fazerem-se palimpsestos de si mesmos, por designação da fértil e prodigiosa imaginação ou da imposição de disfarce masculino propositada pelo jaguncismo. Tal fato se constata quando estes emblemáticos seres fictícios transformam as singulares trajetórias alçadas a condição de criaturas refletidas no espelho de suas recriações mitológicas:

– Eia, cavaleiros que seguis e militais sob as bandeiras do valoroso imperador Pantolim do Braço Arremangado! Segui-me todos e vereis quão facilmente o vingarei de seu inimigo Alifanfarrão da Trapobana!

Dizendo isso, irrompeu pelo meio do esquadrão ovino e começou a lanceá-las com tanta coragem e denodo, como se deveras

³ O crítico literário Manoel Cavalcanti Proença, em seu ensaio “Don Riobaldo do Urucuia, Cavaleiro dos Campos Gerais”, bem observaria que a paixão do personagem-narrador por Diadorim não se parece, no seu primitivismo, com o refinamento de romancistas europeus lavrando no lusco-fusco do homossexualismo. Antes nos recorda processo muito ao gosto do povo – de dar aparência de imoralidade a fatos comuns – explorado, principalmente, nas adivinhas como a da agulha, do macarrão, dos olhos, ou de João e Maria. (PROENÇA, 1991, p.318)

⁴ O crítico literário Antonio Candido, em seu ensaio “O homem dos avessos”, bem observa que ao perpassar “rios, ribeiros, caminhos, palmeiras e flores; barro, areia na chuva ou no vento, de noite ou de dia, ao calor e ao frio”, assim como o Liso do Suçuarão, surge-nos a planície do Tamanduá-tão, que se estende ao pé dos morros, como uma espécie de cenário ideal, pronto e delimitado, para o grande combate. (CANDIDO, 1991, p.297)

⁵ A personagem Manuelzão sofreria um processo de auto-criação inverso ao de Reinaldo / Diadorim, ao sofrer uma espécie de seqüestro da ficção que lhe toma a possibilidade de perpetuar-se ser humano, quando no livro « Uma história de Amor », um das novelas de Corpo de Baile, desta maneira passa a figurar: « Por mesmos, ele Manuelzão não tinha se casado. Macaco não tem dois gostos:

² No ensaio que será apresentado ao Departamento de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa como requisito ao Pós-Doutorado, a esta interpretação ou alusão à exegese proposta pelo estudo em questão serão inseridos os estudos de ordem crítico-literário-filosófica de autoria de Aristóteles, com sua Ética a Nicômaco; O banquete, de Platão, as Contribuições à psicologia do amor, de Sigmund Freud, entre outros, contribuindo como arcabouço teórico do objeto de pesquisa.

alanceasse os seus mortais inimigos. Os pastores e criadores que vinham como rebanho gritavam-lhe que não fizesse aquilo; porém, vendo que ele não atendia, empunharam as fundas e se puseram a saudar-lhe os ouvidos com pedras grandes como punhos. Sem se importar com as pedradas, dom Quixote corria daqui para ali, dizendo:

– Onde estás, soberbo Alifanfarrão? Vem a mim, que sou apenas um cavaleiro sozinho, que deseja provar, de homem para homem as tuas forças, e tirar-te a vida, em castigo das penas que dás ao valoroso Pentapolim Garamanta. (CERVANTES, 2005, p.165)

Estas concepções literárias, Dom Quixote e o Menino/Reinaldo/Diadorim, seriam provenientes da procriação das personagens em diálogo com a tradição ocidental, às margens das ignotas circunstâncias da narração, enigmaticamente se embalsamariam de Cavaleiro Andante pós-medieval-moderno, assim como o jagunço belo-feroz d'Os Porcos. No entanto, em Cervantes, a questão crucial fora que tal libertação embrionária no âmbito da autoficção literária per si ocorreria pelo viés do ato da Leitura, cujas incursões impulsionariam o intelectual andarilho da província de La Mancha, entusiasta dos registros de cavalaria trovadorescos, a resgatar inspiração das páginas medievais do ofício do Rei Arthur e a sua Távola Redonda. Atitude esta caracterizadora de afamado e inconsequente desvario deste senhor esguio de aproximadamente cinquenta anos de idade, que culminaria na comicidade explicitada pelo aclamado episódio do enfrentamento dos moinhos de vento confundidos com gigantes inimigos.

Em *Mitos do individualismo moderno*, Ian Watt recapitulava, em “Fausto, Dom Quixote e Dom Juan: três indivíduos semelhantes?”, que um fato surpreendente vem a ser a ausência de mulheres tais como Afrodite, Eva, Maria, Beatriz ou Joana D’Arc, no panteão ocidental da mitologia. Consoante as palavras de Watt, esta comprovação demonstraria um forte grau de misoginia na formação da cultura moderna, em latente contraste com a concepção do pensamento pré-renascentista. O teórico Ian Watt afiançaria ainda que, na mitologia do Fausto, a princípio, a palavra ‘*danação*’ não o aterroriza; todavia, Mefistófeles lhe chama atenção para o fato de que o inferno não vem a ser uma ‘*fábula*’, acrescentando que ao elucidar o enigma deve-se atentar para a analogia em torno deste outro tríptico metafísico – Destino/Danação/Salvação. A transformação de caráter, inexplicavelmente após o advento do pacto demoníaco das Veredas Mortas, induziria o jagunço-orador Riobaldo-Tatarana a desconfiar da conduta e fidelidade de seu ídolo Zé Bebelo que, ao retornar ao território de Joca Ramiro, ciente do assassinio à traição cometido por Hermógenes e Ricardão, destronara o jagunço-chefe Marcelino Pampa para, em seguida, comandar a condução da vingança arquitetada por Reinaldo/Diadorim contra os ditos hermógenes judas inimigos.

Isto se prefira no intuito de se desestabilizar os percursos literários, que norteavam o ideário estético intrínseco a toda prosa de ficção produzida na Europa e, de um modo geral, no Ocidente, na Idade Média. No Brasil contemporâneo de Rosa, a insubordinação da adaptação da imagem da donzela-guerreira medieval fora atirada a um inconcebível patamar de associação entre ambas as personagens provindas das novelas de cavalaria. Esta estúrdia aproximação entre a donzela-guerreira e a expe-

riência da narração roseana se justificaria no instante em que houvesse a cumplicidade com tradição crítica, a respeito de que o valente Reinaldo encobrisse a face da mulher que se disfarça de homem para guerrear ou avalizar a sobrevivência sertaneja.

Mas o fato é que no bojo desta tal constatação ainda se infiltraria a réstia de um outro questionamento: a tradição crítico-literária, que se habituara à reprodução simplista e redundante referente ao fato de que Reinaldo, representaria um nítido diálogo com os registros medievais de cavalaria, possibilitando a elucidação referente ao mistério deste Menino/Maria Diadorim? *O Grande sertão: veredas* que, no intuito de compor a sua propaganda odisséica do século XX, em verdade, irá propor uma nítida desestabilização deste discurso equivocado ao inserir uma sutil indagação no âmbito da sexualidade no ambíguo movimento deste emblemático ser apaixonado por Riobaldo-Tatarana, salvaguardando a emblemática imagem de Reinaldo/Diadorim. A questão vem a ser que entre ambos há uma dúvida que paira sobre a decantada virgindade da guerreira, instigantemente contemporizada: o surgimento de um outro parentesco com uma figura já falecida, denominada o moço-tio Leopoldo.

No ensaio “Literatura e Filosofia – Grande sertão: veredas”, Benedito Nunes anunciaria que o mito de referência da obra literária – o pacto com o Diabo nas Veredas Tortas –, surge ao leitor conjugado a outro mito de origem, o do Andrógino platônico, de difusa procedência, representativo de unidade alicerçada na coincidência dos opostos, o masculino e o feminino⁶, em diálogo com a Diótima d’*O banquete*:

Esse mito tem por função calcar a projeção mediadora de Diadorim na figura arquetípica, estudado por Jung e Kerényi, da Criança Primordial, dotada de equívocos poderes; ora benéfica ora maléfica, podendo ser a fonte do Bem e do Mal. Pois Diadorim não é o Menino, assim expressamente chamado, malusculamente grafado, o Menino com a sua fluvial fluidez, imagem do rio a que se identifica, e introdutor de Riobaldo no conhecimento do mundo, no apreço da individualidade das coisas, de sua beleza – o Menino que lhe transforma a existência? [...] É graças a esse mito da Criança Primordial, colocado ao encontro do anterior, relativa ao demônio, que se produzem aquelas duas mediações entrelaçadas, através de Diadorim – a do personagem consigo mesmo e com os seus dois amores. (NUNES, 2002, p.211.)

Em *Tudo que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade*, Marshall Berman preponderaria que, no século XX, os intelectuais do Terceiro Mundo, portadores de cultura de vanguarda em sociedades atrasadas, experimentaram a cisão fáustica goetheana com invulgar intensidade. Esta ‘*experimentação*’ intelectual, sobretudo, alicerçada na angústia interior do doutor-pactário, registra o crítico, culminaria na inspiração das visões, ações e criações revolucionárias; e, não obstante, frequentemente a aflição agônica de Fausto tenha conduzido apenas às sombrias alamedas da futilidade e do desespero. Ao fundir o mito fáustico com o andrógino platônico aliado ao Menino Primordial, o *Grande sertão* decerto não se enquadraria nos patamares postíços de uma releitura fútil e desesperada por parte de seu autor. Quicá, por ocasião do binômio Menino Primordial/Reinaldo/Diadorim posicionar-se num âmbito de ‘*amor-neblina*’ de um jagunço-orador, o tecer literário abarcaria as margens afluentes da tradição européia

⁶ Em Platão, ainda sobre o discurso de Aristófanes, no *Banquete*, observa-se ainda a procedência destes seres andróginos detentores de quatro mãos e idêntico número de pernas, dois rostos perfeitamente iguais dispostos em sentido contrário, com quatro orelhas, como todos os homens, com a diferença de que os seus dois órgãos genitais seriam um de origem masculina e outro, feminina. (PLATÃO, 2001, pgs.43-4)

assoviar e pular de galho... Pegara o agrado de mulheres acontecidas, para o consumo do corpo: esta-aqui, você ali, maria-hoje-em-dia – eram gado sem marca, como as garrobas, sem dono, do cerrado. (...) Ele nunca se descuidara de não gostar demais delas. Isto é, às vezes tinha gostado. Tinha até chorado, lágrimas, dessas que violão toca. » (ROSA, 1994, p.569)

por intermédio da dramaturgia de Goethe, da psicanálise de Jung e da filosofia de Platão/Aristóteles, aliando-se ainda a narrativa épica de Homero, conforme sublinharia a tradição crítica, e aos registros medievais das novelas de cavalaria de origem franco-portuguesa.

O psicanalista Jung, segundo consta no *Dicionário de Termos Literários*, distinguiria ainda como principais arquétipos a sombra, o velho sábio e o herói-criança, a mãe (“Mãe Primordial” / “Mãe Terra”), a virgem, a *anima* (o feminino do homem) e o *animus* (o masculino da mulher). Estes e outros arquétipos – imagens primordiais como o paraíso perdido, os irmãos inimigos, o círculo, a rosa, a serpente, a *femme fatale*, o herói e o anti-herói, o mágico e o alquimista – permaneceriam sempre intactos e inalteráveis qualquer que fosse o tratamento narrativo ou mesmo poético que sofressem. No bojo de tais bifurcações, as reminiscências do jagunço-orador provenientes das *sertanejas* Minas Gerais recorrentemente se registrariam acompanhadas de interrogações ou reticências referentes a Reinaldo/Diadorim. Por conseguinte, Riobaldo não sucumbiria ao destino ou realidade do próprio *Fausto* de Goethe, ou mesmo do compositor Adrian da obra literária *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, posto que haja todo um processo dialógico, não só com a literatura pré-romântica ou do século XX na Alemanha; mas sim com todo o percurso da ficção europeia em assonância com a trajetória do romance brasileiro, explicitamente anunciado pela narração do *Grande sertão*.

Se, no *Fausto*, de Goethe, assombra-lhe a figura do Demo que impulsiona a personagem ao suicídio por intermédio de múltiplas agonias e tormentas conjugadas na derradeira frase do espírito do Mal: “*És meu.*”, nota-se que Em *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, a morte imposta pelo Demo não se apropria do protagonista-amante, mas de outro ‘Menino’, personagem secundário, o bem quisto filho de sua única irmã, concedendo ao também pactário compositor Adrian Leverkühn um alento luciférico ao artista: a inspiração da triunfal composição, com todas as suas retribuições, desígnios e responsabilidades espirituais. Em *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, observa-se o seguinte fragmento textual: “‘Vela comigo!’ Na sua cantata, Adrian bem podia transportar a angustiada palavra do Homem-Deus para o plano mais viril, altivo, solitário do ‘Dormi em paz e não vos deixei perturbar!’ do seu Fausto; mas apesar disso, resta o elemento humano, a instintiva ânsia por conseguir, a não ser a ajuda, pelo menos a companhia de seus semelhantes (...)”, que corroboraria com a assertiva apresentada a respeito das conseqüências do fãustico pacto luciférico.

Nesta narração calcada nos mitos do pacto com o Demônio/Amor e da Androginia, conforme sinalizaria Benedito Nunes, o desenlace fatal desaguaria na morte do jagunço de corpo-fechado Reinaldo/Diadorim, propositado por outra figura comprometida com o comércio da alma com o cujo-demônio – o Hermógenes. Nota-se que, pelas vertentes e digressões inseridas no *Grande sertão*, os trípticos de paixão nutridos por Otacília/Diadorim/Nhorinhá que, consoante Benedito Nunes, se entrelaçam, também as tais orações a Deus e ao hóspede-senhor-ouvinte entranham-se em uníssono discurso, que artesanalmente se tece na concepção estético-barroquizante. Na tessitura assombreada pelas recordações de seus dois pactos – o de homossexual Amor proibido e o do imperceptível Diabo transformador –, para o narrador não haveria de fato razão palpável para que se assinasse com a alma o trato demoníaco das Veredas Mortas. A não ser pelo sentimento de paixão ressentido por Reinaldo que, voluntária e silenciosamente, o impeliria por sobre patamares psíquicos tão longínquos de seu

ser-espírito, arraigado de alusões a Nossa Senhora da Abadia, quanto à asserção diabólica no âmbito adverso à sua sexualidade e religiosidade. Por esta razão, a imagem de Otacília reporta o jagunço-narrador à Virgem Mãe Santíssima, com uma nitidez sem neblinas, enquanto que em relação a Diadorim a narração engendra-se o hibridismo do sacrossanto e o demoníaco.

O que realmente consegue capturar as expectativas de leitura de maneira mais enfática vem a ser a revelação do segredo ou enigma de Diadorim, que não esbarraria, a princípio, no desvendar de sua emblemática sexualidade associada ao maligno ser-símbolo. O desenlace amoroso entre Riobaldo e Diadorim, poder-se-ia pressupor que um terceiro elemento prejudicado exemplificado por Freud seria, sem sombra de dúvida, a figura paterna onipresente, que o impede de cumprir a sua sina e paixão. Em seu “O amor é conflito incurável”, Jean Paul Sartre prepondera que a sujeição do sujeito amado, em algumas ocasiões, chega de fato a tal ponto que faz evair-se ao efeito do amante; e que também o objetivo da paixão é superado e o outro fica sozinho se transforma num autômato – sem raciocínio ou vontade própria. E isto não poderia acontecer, complementa Sartre, de tal forma que o amante não deseje a amada como se fosse possuir um objeto, visto que pretende um tipo especial de apropriação: a posse de uma liberdade como liberdade, conforme se constata no binômio Riobaldo-Reinaldo. Porém, o filósofo faria ainda algumas ressalvas pertinentes ao relacionamento humano calcado num Amor contrário aos padrões de arbitrariedade e a opressão e, ao fim, instigante e fatalmente indagaria: “Mas, por outro lado, não pode ficar satisfeito com aquela forma eminente de liberdade que é o compromisso livre e voluntário. Quem ficaria satisfeito com um amor que se entregasse por mera fidelidade ao compromisso assumido?” (SARTRE, 2004, pgs.174-5)

A paixão marginal e ilícita vivenciada pelos dois ferozes jagunços se pautaria em alicerces múltiplos que não conduziriam a constatação propostas pelas idéias libertárias sartrianas, num patamar idêntico ao de Dom Quixote e Dulcinéia del Toboso. Em primeiro lugar, porque ambas as personagens se interpunham por intermédio de intromissões no passado, por vezes invisível e inexistente. E, no tocante ao caso do irmão de Joca Ramiro, o Leopoldo por quem Reinaldo sofrera demasiadamente, segundo um companheiro d’armas, jagunço sem identificação nominal, também no presente, quando Riobaldo é flagrado em satisfatórios gozo e alegria, após a afável companhia de Nhorinhá e a proibição de frequência dos catres femininos alheios; e, enfim, no futuro, com a constante ameaça do ‘compromisso assumido’, da palavra empenhada em noivado com Otacília. Diante destes contratempos idílico-amorosos, Reinaldo se refaz, tomando fôlego para o combate derradeiro com os *hermógenes-ricardões* e a revelação de sua sexualidade, enquanto Riobaldo se exaspera, acossa o destino, espragueja: quer em razão do pacto com o demônio nas Veredas Mortas; quer por causa da austeridade e rispidez do amante nos últimos instantes da até então amigável convivência.

Por tamanhos meandros reflexivos, o sentimento que lhe advém ao espírito vem a ser o de ingratidão para com Reinaldo, pois que, no bojo do processo de metaforização, o jagunço-narrador reataria o vínculo da amizade extraviada por sobre os seus remorsos; e pelo ‘gosto de amor que era impossível’. Observa-se, desta feita, que ao sentimento de legitimidade máscula que o autoriza a prosseguir honrado chefe de jagunço – o compromisso de noivado com Otacília se insere a adjetivação ‘legal’ e ‘intrujá’. O que corroboraria com a tese de que o providencial e efêmero

restabelecimento de sua dúvida de sexualidade, desembainhada da esdrúxula mácula em sua trajetória guerreira, dissolve-se perante a 'impossível' paixão homossexual que pode até vir a ser compassada no contexto da ilegalidade, mas que abarcaria múltiplos significados na absorvência daquele desejo de Amor proibido. Ainda de acordo com Freud, no amor normal, o valor da mulher é aferido por sua integridade sexual, e é reduzido em vista de qualquer aproximação com a característica de se assemelhar à prostituta, de tal modo que os homens que considerarem estas cortesãs como objetos amorosos do mais alto valor constituiriam acentuado desvio da normalidade.

Ocorre que a prefiguração de insólitos jagunços marginalizados, à qual foram aferidos os amantes Riobaldo e Reinaldo, logo a princípio, já os apartaria desta auréola de legalidade inserida nos padrões e normas sociais vigentes. E ainda que o jagunço-narrador confessasse a sua paixão por Nhorinhá, de modo a complementar o tríptico amoroso ao lado de Diadorim e Otacília, estas, por sinal, representadas nas páginas das reminiscências por brandos mecanismos da recordação por uma única ocasião de encontro, não poderiam alcançar o enleio 'tramadamente' de paixão absoluta, não verbal entre Riobaldo-Tatarana e Reinaldo-Diadorim. A presença dominante desta prefiguração enigmática acobertada pela indumentária masculina e armamentos bélicos; e, muito principalmente, pelas atitudes guerreiras, demarca o direcionamento da narração desde a primeira aparição sob aparência daquele Menino às margens do rio De-Janeiro, até o derradeiro episódio do duelo do Paredão com o Hermógenes. Em *Grande sertão*, há uma espécie de transferência de culpabilidade ou responsabilidade no processo de inversão vivenciado pela personagem Menino/Reinaldo/Diadorim, pelos desvãos memoriais da negação ou adiamento da revelação do segredo de sexualidade.

A partir da data determinada na certidão de seu 'batistério', localizada na matriz de Itacambira, de fato, seria a única indicação cronológica inserida na narração. Nota-se ainda a imprecisão intencional na menção ao ano de '1800 e tantos', de modo que faça crer ao leitor o caráter de não aceitação cronológica no transcorrer da estória narrada. E isto se caracteriza quando se observa o vácuo de tempo frestado desde a primeira ocasião de encontro de Riobaldo/Diadorim, aproximadamente aos quatorze anos de idade, até o episódio da deserção daquele tal 'Professor', sob o comando de Zé Bebelô, o que culminaria na reaproximação das personagens já homens feitos diante da chefia de Medeiro Vaz: "O que entendi em mim: direito como se, no reencontro aquela hora com aquele Menino-Moço, eu tivesse acertado de encontrar, para o todo sempre, as regências de uma alguma a minha família." (ROSA, 1994, p.93)

As reminiscências do fazendeiro-orador a partir do reencontro com o 'Menino-Moço', daquele instante até a conclusão do projeto de vingança pelo assassinio de Joca Ramiro, não sofreriam a demarcação de datas episódicas. E irrompendo-se pela imprecisão delineada pela não linearidade da narração, a paixão de Riobaldo e Reinaldo permearia, salvo engano, aproximadamente uma década – da primeira visão do Menino pitando cigarro ao corpo de mulher, estendido sobre a estupefação de seu Amor, que inclusive confessara ter renegado por toda a vida aquela ilícita paixão proibida. E por uma constatação, é que a enigmática figura hermafrodita vem a ser desmistificada por intermédio da descoberta de um cadáver sem as suas habituais vestes – e, posteriormente, da identificação nominal Maria (Diadorim) da Fé Bettancourt Marins, imaginariamente uma Dulcinéia em trajes de Dom Quixote de La Mancha.

Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ARROYO, Leonardo. De Quelemém a Riobaldo. *Folha da Tarde*, São Paulo, 21 abr. 1963.
- . Riobaldo e Fausto. *Folha da Tarde*, São Paulo, 27 dez. 1964.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- CÂNDIDO, Antônio. O sertão e o mundo. *Diálogo*, São Paulo (8): 5-18, nov. 1957.
- . Jagunços mineiros de Cláudio e Guimarães Rosa. In: ———. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 133-60.
- CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2005.
- FREUD, Sigmund. *Contribuições à psicologia do amor*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte I e II. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- KANT, Emmanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. São Paulo: Papirus, 1993.
- MANN, Thomas. Doutor Fausto. São Paulo: Dom Quixote, 2010.
- NUNES, Benedito Nunes. *Crivo de papel*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1998.
- PLATÃO. *O banquete – apologia de Sócrates*. Pará: Editora Universitária, 2001.
- PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Trilhas no Grande sertão*. Rio de Janeiro, Serv. Documentação MEC, 1958.
- ROSA, Guimarães. *Ficção Completa* (Vol. I e II). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- SARTRE, Jean Paul. *O amor segundo os filósofos*. Organização de Maurizio Schoepflin. Tradução de Antonio Angonese. Bauri, SP: EDUSC, 2004.
- WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*; tradução, Mario Pontes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.